



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**

**MARCONDES FERNANDO PEREIRA CARVALHO**

**O LÚDICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO: UTILIZANDO O GÊNERO  
LITERÁRIO CORDEL**

Cuité-PB  
Dezembro/2013

MARCONDES FERNANDO PEREIRA CARVALHO

**O LÚDICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO: UTILIZANDO O  
GÊNERO LITERÁRIO CORDEL**

Monografia apresentada pelo aluno Marcondes Fernando Pereira Carvalho, em cumprimento às exigências do II Curso de Especialização em Educação com foco em Ensino e Aprendizagem da Unidade Acadêmica de Educação do CES/UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Rosana Amâncio Pereira – CRB 15 – 791

C331I Carvalho, Marcondes Fernando Pereira.

O lúdico no processo de letramento: utilizando o gênero literário cordel. / Marcondes Fernando Pereira Carvalho – Cuité: CES, 2013.

47 fl.

Monografia (II Curso de Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2013.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

1. Cordel. 2. Cordel - lúdico. 3. Literatura de cordel. I. Título.

CDU 398.51

MARCONDES FERNANDO PEREIRA CARVALHO

**O LÚDICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO: UTILIZANDO O  
GÊNERO LITERÁRIO CORDEL**

Monografia apresentada pelo aluno Marcondes Fernando Pereira Carvalho, em cumprimento às exigências do II Curso de Especialização em Educação com foco em Ensino e Aprendizagem da Unidade Acadêmica de Educação do CES/UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos

Aprovado em 18 / 12 / 2013

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos – UFCG  
Orientadora

---

Prof. Ms. Jair Stefanini Pereira de Ataíde – UFCG  
Examinador

---

Prof. Dr. João Batista da Silva – UFCG  
Examinador

À minha querida e estimada mãe, Sinetti, e meu pai Assis (*in memoriam*) ambos, com sua simplicidade e sabedoria, ensinaram-me a ser perseverante, e buscar sempre o caminho do bem, e do saber, com humildade, dedico este trabalho.

## AGRADECIMENTOS

Ao ser soberano, que me protege, me ilumina, e me conduz ao conhecimento;

A minha amada mãe, pela paciência que teve comigo;

Ao meu querido e amado Pai (*in memoriam*), por todos ensinamentos e parceria;

A minha orientadora Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos, pelo incentivo, dedicação, orientações e apoio;

A minha amada irmã Josiane, pelas contribuições e discussões;

As minhas queridas e amadas filhas, Tássia e Gabriela por sempre acreditarem no meu esforço; a meu querido e amado neto Lucca, pelo amor sincero e recíproco;

Aos meus genros, pela paciência com minhas filhas;

Aos meus queridos e amados irmãos, que minha atitude sirva de exemplo, pois, estudar é para toda vida.

A minha grande família como um todo, aos que sempre acreditaram em mim e nos meus ideais, minhas cunhadas e seus respectivos esposos, minha sogra Gracinha e em especial ao meu sogro Murilo, por sua cumplicidade, conselhos, e apoio em todos os momentos;

Aos amigos que acreditaram em mim;

Aos membros da banca examinadora, Prof. Ms. Jair Pereira Stefanini, Prof. Dr. João Batista da Silva, pelas valiosas contribuições prestadas durante o curso, proporcionando o enriquecimento deste trabalho;

A todos os meus professores nesta caminhada, pelas contribuições e por fazerem parte da minha formação profissional e cidadã;

Aos alunos da turma do quinto ano do fundamental da E.E.E.F. Maria das Neves Lira de Carvalho, pelo aprendizado mútuo, assim como, todo corpo docente e administrativo dessa escola, em especial as colegas Prof<sup>as</sup>. Diana, Amariles e Cláudia;

A todos os meus companheiros de turma, pela convivência agradável nos momentos alegres e também nos difíceis. Pelos conselhos, troca de ideias, incentivo e amizade constante;

A todos os funcionários e servidores da UFCG campus Cuité, em especial ao Diretor do Museu Homem do Curimataú, Israel e ao dedicado Flávio.

Existem tantos mundos quanto nossa  
capacidade de imaginar.  
(Moacir Gadotti)

CARVALHO, Marcondes Fernando Pereira. *O Lúdico no processo de letramento: utilizando o gênero literário cordel*. Cuité, dezembro de 2013. (Monografia apresentada como exigência parcial do II Curso de Especialização em Educação com foco em Ensino e Aprendizagem).

## RESUMO

O presente trabalho científico tem como objetivo geral oportunizar a vivência de práticas de leitura, que estimulem à interpretação crítica, a curiosidade, a criatividade dos educandos, valorizando o seu contexto, respaldado no gênero literário cordel. Partindo de premissa que o ato de ler e de escrever pode ser prazeroso, a partir do momento que os estudantes são estimulados a socializarem o seu universo existencial, e a descobrirem a realidade de outros universos. Neste contexto, foi possível conciliar a teoria e prática, proporcionando a troca de saberes e de experiências, valorizando o universo vocabular da criança, ou seja, investigando as práticas sociais vivenciadas pelo público alvo. Dessa forma, pretendemos despertar o interesse de absorção de competências, usando os aprendizados empíricos da comunidade, na qual os sujeitos estão inseridos e auxiliando de forma consistente no desenvolvimento cognitivo, utilizando o gênero literário cordel, contribuindo com esta ação para discussão, narrativa e a construção de aprendizagens significativas, utilizando a pesquisa-ação para o desenvolvimento epistemológico do educando no processo ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: lúdico; cordel; ensino e aprendizagem.

## **ABSTRACT**

This scientific work has as main goal nurture the experience of reading practices that encourage the critical interpretation, curiosity, creativity of learners, valuing its context, bound in twine literary genre. Starting from the premise that the act of reading and writing can be enjoyable, from the time that students are encouraged to socialize your existential universe and discover the reality of other universes. In this context, it was possible to reconcile theory and practice, providing the exchange of knowledge and experiences, valuing the universal vocabulary of the child, ie, investigating the lived social practices by the target audience. Thus, we intend to arouse the interest absorption skills, using empirical learning community, in which subjects are entered consistently and aiding in cognitive development, using the literary genre line, contributing to discuss this action, and narrative construction of meaningful learning, using action research to the epistemological development of the students in the teaching and learning process.

Keywords: ludic; cordel; teaching and learning.

## SUMÁRIO

<b><u>INTRODUÇÃO.....</u></b>	<b><u>9</u></b>
<b><u>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</u></b>	<b><u>11</u></b>
1.1 O LÚDICO COMO AÇÃO COMPLEMENTAR NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM.....	11
1.2 O GÊNERO TEXTUAL CORDEL.....	12
1.3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	14
1.4 INTERDISCIPLINARIDADE .....	15
1.5 INTERDISCIPLINARIDADE .....	16
1.6 LETRAMENTO .....	17
1.6.1 LETRAMENTO TEXTUAL.....	17
1.6.2 LETRAMENTO LITERÁRIO .....	20
<b><u>2. METODOLOGIA .....</u></b>	<b><u>23</u></b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE INTERVENÇÃO .....	25
2.2 PLANEJAMENTO DAS AÇÕES .....	25
2.3 ATIVIDADES REALIZADAS.....	26
<b><u>3. RELATO DE EXPERIÊNCIAS .....</u></b>	<b><u>28</u></b>
<b><u>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</u></b>	<b><u>32</u></b>
<b><u>REFERÊNCIAS.....</u></b>	<b><u>34</u></b>
<b><u>ANEXOS.. .....</u></b>	<b><u>36</u></b>

## INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de construção de conhecimentos, e como tal tem a responsabilidade de resgatar a cultura local, agregando conhecimentos da região por meio da valorização de nossos costumes, de nossas tradições e dos saberes populares, envolvendo os alunos no processo de apreender para aprender, de forma que possibilite se tornarem sujeitos de sua história, por conseguinte atuantes no processo ensino e aprendizagem.

A criança é um ser individual e tem o seu desenvolvimento, tanto intelectual quanto social, diferente dos demais, porque essa diferença é inerente ao ser humano. Assim, na escola a construção de conhecimentos também se processa pelo trabalho do educador, utilizando metodologias que motivem a participação dos discentes. Conforme WAJSKOP (2007):

Tanto maior era a intervenção do professor no que se referia à outras atividades pedagógicas, como contar histórias, oferecer materiais e técnicas variadas de trabalhar plásticos, músicas e corporais, entre outros, maior a independência adquirida pelos grupos de crianças à hora da brincadeira, e mais rica sua temática e graus de interação entre elas (WAJSKOP 2007, p.14).

O fazer profissional do professor requer um dinamismo que pode incluir o contador de histórias, que proporcione ao aluno viajar pelo mundo das palavras, imaginando as personagens, exercitando a epistemologia, que propicie as crianças questionarem: Quem? Por quê? Para quê? Numa relação de descobertas, reinvenções, nas quais a impostação da voz, a expressão corporal, a música, proporcionem o desenvolvimento de competências e habilidades, principalmente utilizando o gênero literário cordel, com suas nuances que ressaltam histórias populares e a ludicidade das pelepas entre as personagens, dentre outros.

Assim a leitura é a interação das intenções do autor com as do sujeito leitor, significando que o texto supõe vários contextos, a partir das inferências que são realizadas, através do diálogo que se estabelece, no qual o professor é o mediador. Neste contexto, é possível valorizar as experiências culturais com as práticas de leitura e escrita, tendo em vista que muitas vezes, mediados pela oralidade, os alunos vão se construindo como sujeitos letrados, compreendendo que letramento forma estudantes leitores que saibam interpretar as

informações descritas no texto, sabendo-se que o mundo é uma agência de letramento onde se aprende no contexto, pois o analfabeto poderá ser letrado, de acordo com o seu convívio social.

O presente trabalho foi sistematizado a partir da aplicação de um projeto de intervenção pedagógica com alunos do 5º (quinto) ano do ensino fundamental I, de uma escola pública da rede estadual de ensino, localizada no Município de Cuité (PB). Participaram da experiência vinte e três discentes e uma docente.

Essa pesquisa tem como objetivo geral oportunizar a vivência de práticas de leitura, que estimulem à interpretação crítica, a curiosidade, a criatividade dos educandos, valorizando o seu contexto, respaldado no gênero literário cordel, a fim de contribuir com o desenvolvimento das posturas reflexiva, descritiva e crítica no aluno e proporcionar ao discente a relação escola/comunidade, no âmbito do conhecimento cultural e histórico da região em que está inserido, bem como propiciar ao professor da escola pública estadual de ensino fundamental participante do projeto, um ambiente de discussão sobre o processo ensino-aprendizagem, utilizando a pesquisa-ação com vistas à contextualização e interação de conteúdos curriculares na prática pedagógica.

A apresentação deste trabalho é sistematizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, se dispõe a discussão de temáticas relevantes ao objeto de estudo. O segundo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados na execução das atividades. O terceiro capítulo contempla os resultados da pesquisa. O quarto capítulo expõe as considerações finais da investigação realizada.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 O lúdico como ação complementar no processo de ensino aprendizagem

A escola deve integrar em sua prática cotidiana o lúdico, transformando o fazer pedagógico numa ação prazerosa. Portanto a ludicidade estimula a fantasia, o faz de conta, o jogo, um aspecto inerente ao ser humano, tornando o ambiente escolar divertido, alegre, gratificante. Enfim o lúdico pode propiciar um aprender diferente, no qual o educando apreende para aprender, valorizando os seus conhecimentos prévios, apresentando conhecimentos que foram construídos pela humanidade, para que possam refletir, visando uma formação crítica.

Destacamos que o lúdico pode imprimir ao fazer pedagógico uma prática prazerosa onde o educando interage com atividades dinâmicas, que propiciam o desvelamento de idéias, dos costumes, do imaginário, associado com a sua realidade, de forma que se exercite a criticidade de descobrir o significado real dos fatos. A criança é um ser individual e tem o seu desenvolvimento, tanto intelectual quanto social, diferente dos demais, porque essa diferença é inerente ao ser humano. Assim na escola a construção de conhecimentos também se processa pelo trabalho do educador, utilizando metodologias que motivem a participação dos discentes. Para ALVES (2009)

As atividades lúdicas são inerentes ao ser humano, independentemente do momento histórico que estamos vivendo. O que muda são os artefatos, as tecnologias utilizadas, mas o prazer de brincar é estruturador para o homem. O brincar sempre foi e será uma linguagem utilizada para criar, imaginar, pensar, construir, aprender, enfim, para nos tornar sujeitos desejantes (ALVES 2009, P.2).

Na cultura, o lúdico está associado ao abstrato, ao experiencial. Atualmente considera-se que transmitir informação não é suficiente, uma vez que o receptor há de saber o que fazer com esta informação, saber como usá-la. O lúdico reduz a percepção quantitativa da informação e ilustra a mensagem através da experiência.

A valorização da cultura popular pode facilitar o processo de mediar o lúdico com o contexto do aluno. Assim a literatura de cordel é um desejo de difundir ainda mais a poesia popular, remetendo aos áureos tempos, onde, vislumbravam-se os cantadores de versos improvisados, também conhecidos como emboladores, que se apresentavam em praça pública

nos grandes centros e nas cidades por onde passavam, além do teatro de marionetes, entre outras diversões, que vivenciaram na infância e adolescência e ficaram marcadas, para os demais dias da nossa existência. A escola deve valorizar os costumes e origens culturais, fazendo uso de recursos mais próximos da realidade, utilizando o lúdico, ilustrando a mensagem através da experiência, tornando o empírico mais eficaz para essas condições.

## 1.2 Gênero literário cordel

A literatura de cordel chegou ao Brasil no século XVIII, através dos portugueses, oriunda das terras lusitanas. Estes folhetos foram utilizados para informar a população dos acontecimentos passados e atuais. Por se apresentar como uma das formas mais rápidas, e de baixo custo, tornou-se um dos meios mais viáveis para comunicação da época entre as camadas populares. Devido ao tom humorístico, havia maior receptividade aos textos. Esses folhetos relatavam diversos acontecimentos da cidade, da região, do país, fatos da vida cotidiana, entre os quais: atos de heroísmo, brigas, disputas, festas, milagres, morte de personalidades, política, secas, vida dos cangaceiros etc. Segundo GOMES (2001,p.117) “[...] os livretos de cordel reinavam soberanos nas calçadas, terreiros e salas, quando as famílias se reuniam à noite para ler cordel, contar histórias de assombração e anedotas de salão”.

Conhecida como poesia popular, recebeu essa denominação, porque foram expostos à população, amarrados em cordões “estendidos” nas lojas de mercados populares, e também pelas ruas. De forma simples eram produzidos, e vendidos pelos próprios autores. Os folhetos são ilustrados e impressos através do processo de xilogravura. Essa literatura é bastante difundida no Nordeste brasileiro, sobretudo nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco, fazendo muito sucesso. Esses fatos contribuíram para o fortalecimento e manutenção da nossa cultura, tornando-a uma ferramenta muito útil como meio de comunicação e entretenimento entre as pessoas, com diversas formas de transmissão. Neste contexto, podemos citar MARINHO & PINHEIRO (2012):

[...] além das canções dos violeiros e repentistas que viajavam pelas fazendas animando festas e desafiando outros cantadores. Vivendo nas cidades, os poetas começaram a transpor para o papel todo esse universo de experiências. Além dos contos e cantorias de viola, estavam guardados na memória o som dos maracatus, dos reisados, do coco, da embolada. É essa cultura, influenciada pelos ritmos afro-brasileiros, pela mistura entre rituais sagrados e profanos, que faz do cordel uma produção cultural distinta das outras. MARINHO & PINHEIRO (2012, p.18).

Apresenta-se então um eixo norteador, o qual pode ser o estudo de alguns poetas populares como Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva), entre outros. No entanto, numa leitura em sala de aula o tom humorístico favorece a aceitação, sendo assim, utilizamos a história do “O Cavalo que defecava dinheiro”, da autoria de Leandro Gomes de Barros, devido ao conteúdo interdisciplinar. A referida história revela também valores éticos, além do autor ser paraibano. O autor nasceu em Pombal, na Paraíba, em 1865, faleceu em Recife, Pernambuco, em 1918. Considerado um dos principais poetas e que mais fez sucesso com a Literatura de Cordel, há indicativos que o mesmo produziu mais de seiscentos folhetos. A literatura de cordel influenciou vários escritores nordestinos, dos quais podemos citar: Ariano Suassuna, João Cabral de Melo, José Lins do Rego e Guimarães Rosa. Além desses autores, DRUMMOND (APUD, LIRA. 2012) faz sua referência: “A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro”.

A utilização da literatura popular é uma forma de fortalecer nossos ideais por uma educação popular, ou seja, temos que dominar cada vez mais as metodologias e linguagens, inclusive a eletrônica, pois, democraticamente precisamos desenvolver conteúdos que estão em constante crescimento e modificações numa velocidade gigantesca, por isso, devemos estimular os discentes e os docentes nessa busca de participação e envolvimento, olhando para o nosso cotidiano através de nossas experiências, pois assim teremos a nosso favor a aceitação por temas conhecidos ou criados através da imaginação e convivência diária com a comunidade. Para GADOTTI (2000, p.5), [...] os paradigmas holonômicos pretendem restaurar a totalidade do sujeito, valorizando a sua iniciativa e a sua criatividade, valorizando o micro, a complementaridade, a convergência e a complexidade.

A educação popular procura valorizar essa práxis, esse convívio organizado na comunidade, fazendo coisas acontecerem dentro da escola comunitária com decisões próprias e autonomia verdadeira, tornando assim o grupo forte e aguerrido, contando com a participação de todos os segmentos da sociedade, associações, igrejas, clubes, (Organizações Não Governamentais) ONG's, que com suas colaborações, muitas vezes voluntária, auxiliando nesse desenvolvimento. Temos que combater atitudes contrárias a essa realidade, são anos de imposições, centralidade, controle e falta de autonomia. Se faz imprescindível formar cidadãos pensantes, críticos, criativos, desejantes de exercer o seu papel na sociedade, como sujeito capacitado para a prática de sua formação em pleno gozo de sua cidadania.

### 1.3 A formação do professor

A formação do professor é um aspecto importante para que o processo ensino-aprendizagem alcance o ideário de se efetivar de maneira eficaz. Realmente temos uma demasiada retórica que envolve, articula e move interesses diversos, favorecendo sempre as classes dominantes. O “mercado da formação” (formação inicial e continuada de professores) vem desde o final do século passado evoluindo cada vez mais e os empresários da educação, acumulando riquezas a cada ano que passa, devido a inúmeras vantagens oferecidas pelo Estado.

As novas tecnologias criaram *novos espaços do conhecimento*. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos [...] Esses espaços de formação têm tudo para permitir maior democratização da informação e do conhecimento, portanto, menos distorção e menos manipulação, menos controle e mais liberdade. É uma questão de tempo, de políticas públicas adequadas e de iniciativa da sociedade. A tecnologia não basta. É preciso a participação mais intensa e organizada da sociedade. GADOTTI (2000, p.7)

Hoje existem os ciberespaços para formação e aprendizado, garantindo o ensino externo a escola tradicional. Contudo, este poderia ser melhor aproveitado, porque até no local de trabalho, além de outros, existe a possibilidade de aprender, no entanto, o que vemos são desperdícios. Todas as oportunidades conquistadas são mal utilizadas, e em alguns casos, nem usadas são, pois sabemos que há muita comunicação e muito tempo investido em futilidades, “grupos de bate-papos”, banalizando o que deveria ser uma grande ferramenta de aprendizado e autonomia, pois muitas instituições com informações valiosas (museus, bibliotecas, editoras com seus livros, periódicos, entre outros), dificilmente são acessadas. O que anteriormente levaríamos muito tempo, anos, em cópias manuscritas e dificuldade de verificação documental, está há um toque, porém a conexão do “bem” é desprezada, sem falar nos riscos de distorções e manipulações das informações, para além do controle que é eliminado e maior liberdade de expressão. Precisamos cobrar do Estado as políticas públicas adequadas e da sociedade uma organização com iniciativas voltadas há um aproveitamento mais eficaz dessa ferramenta.

#### 1.4 O Professor pesquisador

O professor pesquisador busca através de suas intervenções a melhora da sua prática docente, formando um elo com a teoria, pesquisando conhecimentos profundos de suas atividades, transformando a realidade de forma a conciliar a teoria e prática, proporcionando a troca de saberes e de experiências, intencionado em absorver competências, valorizando o universo vocabular da criança, numa sistemática investigativa das práticas sociais vivenciadas pelo público alvo, utilizando os aprendizados empíricos da comunidade na qual os sujeitos estão inseridos e auxiliando de forma consistente no desenvolvimento cognitivo, usufruindo para si e os demais colegas. Segundo Backes ( p. 02)

[...] A pesquisa do professor tem como finalidade o conhecimento da realidade para transformá-la, visando a melhoria de suas práticas pedagógicas e a de seus colegas de profissão. Em relação ao rigor ela aponta que como o professor pesquisa sua própria prática ele encontra-se envolvido com seu objeto de pesquisa, diferentemente do pesquisador teórico. Quanto aos objetivos, ela afirma que a pesquisa do professor tem caráter utilitário, os resultados existem para serem usados na sala de aula. A pesquisa acadêmica em Educação em geral está conectada com objetivos sociais e políticos mais amplos. (BACKES, p.02)\*

Buscamos a formação de um profissional reflexivo que utilize seu objeto de pesquisa de forma analítica, desenvolvendo métodos que possibilitem o crescimento da ação/reflexão do pensamento, melhorando cada vez mais a sua prática pedagógica, envolvendo os demais nessa práxis, a fim de desenvolvê-los de forma crítica, consciente, demonstrando claramente que nos dias atuais, existe uma conexão maior do que apenas a receptividade, ou seja, há uma evolução constante que deve ser partilhada e participativa entre todos, formando uma comunidade forte e progressiva. Corroboramos com Backes (p.4-5)

[...] a formação de um profissional capaz de analisar sua própria prática e através desta análise aprimorar sua prática pedagógica no sentido de formar cada vez mais pessoas capazes de pensar, formar para o pensamento e não simplesmente para a recepção de informações. Para tanto, percebe-se também a necessidade de adequação dos cursos de formação de professores para que possam possibilitar uma formação teórica sólida aos docentes ou futuros docentes disponibilizando ferramentas para que estes consigam manter uma postura reflexiva crítica frente a sua prática e ai sim aprimorá-la (BACKES, p.4-5).

Precisamos romper com esse estigma que professor/pesquisador só existe na academia, pois dominam com mais propriedade os conhecimentos, embasando-se de forma a estabelecer parâmetros científicos mais amplos, estabelecendo normas de aceitação e comprovação de que o objeto pesquisado tem valor social, político, demonstrando que há uma preocupação com a originalidade, a validade e a aceitação pela comunidade científica. Realmente existem muitos trabalhos valiosos, os quais fortalecem e contribuem para o desenvolvimento educacional, contudo, há também pesquisas que só servem para auferir títulos, pois além de desconhecidas, raramente são utilizadas.

Acreditamos na valorização do profissional que desenvolve sua pesquisa dentro do seu ambiente de trabalho, fazendo com que seu objeto de pesquisa seja útil no seu cotidiano, contribuindo para a integração da teoria com a prática, desenvolvendo seres críticos/reflexivos, pensantes, criativos, consolidando o desenvolvimento constante do ensino aprendizagem. Concordamos com PINHEIRO (2007, p.41): “O espaço de reflexão sobre a prática realizada pelo próprio professor ainda não tem o valor que deveria ter no âmbito da academia”.

### 1.5 Interdisciplinaridade

Podemos e devemos tratar o tema da interdisciplinaridade, de forma a integrar e mediar a comunicação entre as diferentes disciplinas. A grande dificuldade está em não aceitar ou admitir que se possa trabalhar em conjunto. Verificamos que há resistência, tanto de colegas como das instituições, inviabilizando a implementação de ações que possibilitem uma união pelo desenvolvimento de todos, pois tais atividades demandam tempo, envolvimento, convencimento, planejamento contínuo em grupo. Para LEMOS (2006):

Após relativo período de vivência neste tipo de trabalho já pode apresentar o mérito de conhecer uma área de estudo, de saber razoavelmente sobre outras áreas em que se integra e de perceber a possibilidade de ligações entre seu conhecimento com outros mais; pois parte do humano como referencial básico para aprofundar, crescer e difundir seus estudos (LEMOS 2006, p.4).

Quando falamos em globalização, podemos imaginar os grandes avanços tecnológicos que obtivemos em meados do século anterior até os dias atuais. Porém, essa inovação com intenções eminentes de substituir o educador por máquinas, foi sucumbida,

justamente porque as máquinas não criam, elas facilitam, agilizam, mas ainda continua o homem a ser o dominador, e a classe dominante obstrui caminhos os quais eram sua exclusividade, mas, por necessidades de desenvolvimento industrial e falta de mão de obra qualificada, no final do século passado, universalizou a educação no Brasil, de forma a atender a demanda, contudo, nossa educação sofre um controle centralizador, e os maiores beneficiados são os capitalistas que impõem essa gestão neoliberal, direcionando e conduzindo, cada vez mais lucros, tornando assim a educação um negócio bastante atrativo para os investidores, consolidando o “mercado da formação”.

Existem procedimentos antidemocráticos que impedem a participação popular, (comunidade, igreja, clubes, associações, escolas, ONG’S) de partilharem das tomadas de decisões, gerando deficiências, dificuldades e soluções adequadas, para superarmos o caos educacional que convivemos. Para FREIRE (1996), “Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitissem às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica”.

O processo de ensino aprendizagem é fundamental para o fortalecimento da nossa educação. Essa relação bem planejada, conduzida, torna-se uma das perspectivas de transformação, pois, ao ensinar espera-se que o aprendiz absorva os conhecimentos, porém, precisamos identificar se este fato se concretizou, fazendo o elo entre a teoria e prática, sabendo que toda satisfação é transitória e passageira, e que a cada dia precisamos nos abastecer de informações, buscando métodos, estratégias motivacionais, que instiguem todos ao desenvolvimento contínuo e crescente.

É verdade, existem ainda muitos desníveis entre regiões e países, entre o Norte e o Sul, entre países periféricos e hegemônicos, entre países globalizadores e globalizados. Entretanto, há idéias universalmente difundidas, entre elas a de que não há idade para se educar, de que a educação se estende pela vida e que ela não é neutra (GADOTTI 2000, p.04).

## 1.6 Letramento

### 1.6.1 Letramento textual

A precariedade do domínio das competências da leitura e escrita no processo de alfabetização dificulta a continuidade no processo de letramento textual, essa é a realidade da

maioria das escolas públicas de ensino fundamental do Brasil, ocasionando futuras dificuldades de inserção no contexto sócio-cultural e profissional, por isso, precisamos de alternativas que modifiquem essa situação.

Existem defensores de que o letramento substitui a alfabetização, no entanto, são etapas de um processo evolutivo de formação tanto para crianças, como para os jovens e adultos. Esse tema é bastante discutido e há controvérsias a esse respeito, porém, meu objetivo é outro. Inicialmente acredito na alfabetização como etapa inicial da aprendizagem da escrita, originando variadas formas metodológicas de leitura e de escrita, gerando o desenvolvimento de habilidades para o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvam a língua escrita. Fazemos parte de um mundo globalizado, no qual os problemas sociais são vistos claramente, e para combater as dificuldades com a educação, foi instituída a UNESCO, desde o início do século passado, como o órgão responsável por esse gerenciamento, evidenciando-se que em todos os países, sejam eles desenvolvidos ou em desenvolvimento, ou ainda do terceiro mundo, existem problemas a serem solucionados. De acordo com SOARES (2004):

[...] a proposta da Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) de ampliação do conceito de *literate* para *functionally literate*, e, portanto, a sugestão de que as avaliações internacionais sobre domínio de competências de leitura e de escrita fossem além do medir apenas a capacidade de saber ler e escrever.[...] Nos países desenvolvidos, ou do Primeiro Mundo, as práticas sociais de leitura e de escrita assumem a natureza de problema relevante no contexto da constatação de que a população, embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita (SOARES 2004, p.6).

Como podemos constatar através da citação acima, nos países tidos com de “primeiro mundo”, também existem precariedades no domínio das competências de leitura e de escrita, dificultando a inserção dos educandos no mundo social e do trabalho, no entanto, discutiu-se sobre esses problemas de aprendizagem inicial da leitura e da escrita, porém, foram tratados de forma independente, reconhecendo suas especificidades e uma relação de não-causalidade entre eles. Corroboramos ainda com SOARES (2004), pois a diferença entre os desenvolvidos e os que não são, é justamente no reconhecimento das suas fragilidades, e enfrentá-las adequadamente. Usar subterfúgios, e faltar com a verdade aos seus cidadãos é uma prática dominante, controladora, de adiamento constante de solução, trazendo atrasos e consequências, como as que enfrentamos, ou seja, caos na educação.

A partir do conceito de *alfabetizado*, que vigorou até o Censo de 1940, como aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como capacidade de escrever o próprio nome; passando pelo conceito de *alfabetizado* como aquele capaz de ler e escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só saber ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita, ainda que bastante trivial, adotado a partir do Censo de 1950; até o momento atual, em que os resultados do Censo têm sido freqüentemente apresentados, sobretudo nos casos das Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNAD), pelo critério de anos de escolarização, em função dos quais se caracteriza o nível de *alfabetização funcional* da população, ficando implícito nesse critério que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita, verifica-se uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita. SOARES (2004, p.06)

No Brasil a mídia nessas duas últimas décadas, sempre solidária aos interesses dominantes, vem assumindo e divulgando um conceito de alfabetização próximo do conceito de letramento, apesar da proposta de diferenciação de produção acadêmica, a uma inconveniente e inadequada fusão dos dois processos, com prevalência ao conceito de letramento sobrepondo-se ao de alfabetização. Entretanto, se faz necessário a especificidade de cada uma, fortalecendo, valorizando e contribuindo para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem.

Certamente essa perda de especificidade da alfabetização é fator explicativo – evidentemente, não o único, mas talvez um dos mais relevantes – do atual fracasso na aprendizagem e, portanto, também no ensino da língua escrita nas escolas brasileiras, fracasso hoje tão reiterado e amplamente denunciado.[...] Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – *a alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – *o letramento*. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolvesse *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização (SOARES, 2004, p.14).

No contexto social, podemos dizer que há pessoas não conseguem fazer uso da leitura e escrita, pois utilizamos inicialmente a linguagem da fala, no qual diversas nações se comunicam, sem o uso da escrita e assim permanecem, representando uma grande maioria, ou seja, em outros tempos, seriam consideradas analfabetas, porém, sempre fizeram uso da

comunicação oral e entendimentos variados, suficientes para se expressarem, se fazer entender. São nos tempos recentes consideradas letradas.

A escrita é um ato posterior ao da fala. Muitas pessoas fazem uso da língua através da fala e não sabem escrever. Mesmo que a linguagem falada seja a mais utilizada pelas pessoas. No mundo existem muitos países ágrafos, isto é, línguas que não são representadas por nenhuma forma de escrita. São aproximadamente 3 mil línguas e apenas 110 possuem a escrita. [...] O indivíduo pode não ser alfabetizado e ser uma pessoa letrada, todas as pessoas possuem um tipo de letramento. Este Letramento pode ser múltiplo, não necessariamente em um nível específico de conhecimento, mas de conhecimentos variados. Dominamos práticas diferentes, o letramento se torna, portanto, relativo. (SILVA, 2009, p.2-5)

O uso da escrita está relacionado a uma prática formal dos mais variados tipos de Letramento. Utilizamos principalmente para fins trabalhistas, jurídicos, negociações, acordos entre outros, formalizando as verbalizações. Letramento e alfabetização, geralmente são confundidos, porém, cada um tem a sua especificidade. Podemos contribuir para que as pessoas possam usufruir e participar mais ativamente da sociedade, contudo, devemos respeitar as individualidades, cultura e a escolha que mais o apetece.

O Letramento como prática social está relacionado ao uso da escrita, esta modalidade representa uma manifestação formal. [...] Dessa forma, existem várias pessoas que sabem ler e escrever, porém não possuem uma compreensão do que está escrito, ou seja, elas conseguem decodificar as palavras, mas não as compreende. Não podemos confundir letramento com alfabetização, pois embora os termos estejam relacionados, possuem noções bastante diferentes. A alfabetização é um termo designado para o indivíduo que apenas aprendeu a ler e a escrever, mas que não consegue interagir através do uso dessas competências. Já letramento é cultural, é algo influenciado pela sociedade, pois a leitura visual, as várias linguagens podem levar a um letramento (SILVA, 2009, p.5).

### 1.6.2 Letramento literário

Esta técnica de recepção funciona como a leitura literária em sala de aula. Esse método foi fundamentado na dissertação de mestrado de Luzia Rita Nunes de Lira, aluna da POSLE-UFCG em Campina Grande-PB.

Surgida na década de 60 e apresentada por Hans Robert Jauss, em seu ensaio *Provocação* durante uma conferência na cidade de Constância, na Alemanha, a

Estética da Recepção pré-anuncia as inquietações de Hans Robert Jauss enquanto professor, pesquisador e estudioso. Ele propunha um novo olhar sobre as investigações literárias, esse deveria se voltar para o receptor (leitor) e os seus horizontes de expectativa. LIRA (2012, p.26)

Esse método inovou, pois, inverteu sua forma ao sugerir que o leitor ou a recepção, seja o foco da abordagem, deixa de ser restrito ao autor e sua produção. Sendo assim, busca-se analisar:

[...] a voz do leitor passa a ser, também, analisada no campo literário, e o estudo dessa arte se redimensiona, tendo em vista os horizontes de expectativas dos leitores, observando o efeito causado pela obra em seu público alvo e enfatizando a recepção dada à obra literária. A divulgação atual da Estética da Recepção e de outras teorias que valorizem o leitor tem proporcionado uma postura mais reflexiva entre professores e pesquisadores quanto às metodologias de leitura desenvolvidas em sala de aula [...] ( LIRA, 2012, p.26).

Contudo, para que possa o professor proporcionar leituras em que se estabeleça a comunicação e efeitos entre texto e o leitor, faz-se necessária a sondagem do universo de expectativas de seus alunos, atentando para o contexto no qual eles estão inseridos, contribuindo para despontar essa liberdade e multiplicidade do pensamento dos leitores. A literatura não se esgota no texto, há uma ação complementar com a leitura do mesmo, estimular atividades que concedam ao professor o desejo de interação ativa do texto com o leitor.

O Método Recepcional de ensino de Literatura tem como base o debate constante, seja ele oral, escrito, com professores, com colegas, consigo mesmo, etc. Além disso, preza-se também pela produção de textos pelos alunos, os quais passam a fazer parte dos textos lidos e por eles questionados, materializando, assim, o acervo a eles ofertado. Quanto à avaliação, nesse método, dar-se-á através da dinâmica do processo de cada leitura realizada, pode-se, nesse momento, evidenciar a capacidade de comparação entre as atividades realizadas, de questionamento ante sua própria atuação e a de seu grupo, bem como a realização, ao final do processo, de uma leitura mais exigente que a inicial (LIRA, 2012, p.28).

Desta forma e com a utilização desse método, aumentamos o envolvimento dos aprendentes, pois, a participação efetiva da maioria, nos instiga a oferecer uma variedade e diversidade de folhetos de cordel, fazendo com que os mesmos escolham diante das opções a

temática que mais provoque interesse, tornando assim um ato de aprendizagem prazeroso, alegre, criativo, despertando a iniciativa e mudança de atitude do docente e dos alunos.

Se fizéssemos um levantamento sobre a presença da cultura popular e, mais especificamente, da literatura oral no currículo do ensino básico, descobriríamos que ela quase não é referida nas primeiras séries; e quando aparece é quase sempre nas semanas do folclore ficando de fora o resto do ano. PINHEIRO (2007, p.16)

Alguns podem imaginar que a Literatura de Cordel, é pouco conhecida, porém, a realidade é outra. Essa forma popular de expressão é muito difundida na nossa região, existem lugares que a mantêm forte como: Campina Grande, e Patos na Paraíba, Mossoró no Rio Grande do Norte, Caruaru e São José do Egito em Pernambuco, são exemplos de sua continuidade e difusão, ainda podemos encontrar diferentes lugares do Nordeste e de outras regiões do Brasil. Ao aplicar esse gênero em sala de aula, é muito emocionante ver o despertar e o interesse dos alunos por essas histórias, numa nítida demonstração, de que precisamos manter esse trabalho nas escolas nas séries iniciais.

Como conclusão dessa etapa, gostaríamos de citar detalhes esclarecedores quanto às possibilidades que envolvem essa estratégia, ampliando o horizonte de expectativas.

A inquietação que o cordel pode proporcionar aos jovens, além da presença constante do aspecto satírico, pode ser uma porta de entrada para o despertar do gosto pela leitura literária e, conseqüentemente, para formação de leitores. Uma maneira de se trabalhar com folhetos na sala de aula é partir deles para outras formas de expressão, como, por exemplo, rodas de discussões, debates, atividades que deixem os jovens à vontade para apreciação e o desenvolvimento da oralidade, tendo sempre o cuidado com a escolha dos poemas, que deve ser coerente com o interesse desses jovens. Pode-se, por exemplo, aproveitar a diversidade de folhetos existente e oferecer uma variedade de opções para que os alunos possam escolher a temática que lhes chame atenção ( LIRA 2012, p.30).

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa-ação requer que o educador amplie sua prática, não se limitando apenas a exposição dialogada dos conteúdos, mas utilizando a investigação, do contexto e instituições, que propiciem o ato de aprender, no contato direto com a realidade, e com o contexto histórico que a gerou. Assim, o autor DAVID TRIPP (2005), defende que se encare a pesquisa-ação como uma das muitas diferentes formas de investigação-ação, a qual é por ele sucintamente definida como toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática.

A presente pesquisa tem aporte no ensino de Linguagem através da Literatura de Cordel, história em quadrinhos, por uso da obra de autores populares, incorporada nas atividades complementares, buscando despertar o interesse e motivação suficientes para sua aplicabilidade no cotidiano escolar, tornando-se assim uma alternativa para ser adotada nas demais turmas dessa escola e, posteriormente, em escolas de nossa região, proporcionando o resgate da nossa cultura e costumes. Segundo PINHEIRO (2007) “o gênero literário cordel [...] são experiências humanas e artísticas que, durante séculos, estão à margem da literatura erudita e são, além de desconhecidas por milhares de estudiosos e professores, totalmente ausentes dos grandes compêndios de história da literatura brasileira”.

Essa proposta auxiliou nas tarefas diárias, conduzindo docente e discente a compartilhar de uma atitude lúdica. Introduzimos o lúdico nesse processo, através da interdisciplinaridade, pois trabalhamos com temas comuns às disciplinas de Ciências, Geografia, História, Matemática e Língua Portuguesa, utilizando uma linguagem de ensino muito peculiar ao semi-árido nordestino.

A literatura de cordel utilizada de maneira interdisciplinar recorre à participação comprometida dos professores na construção dos ensinamentos, colaborando com a formação de cidadãos críticos e reflexivos numa perspectiva sócio-discursiva. Usando essa ferramenta desde cedo como instrumento de letramento e aprendizagem na sala de aula, com atividades como leitura em voz alta e adequação de histórias, retratamos o cotidiano de nossa região entre outras, tornando-se assim parte das nossas tradições e costumes, presentes em nosso folclore, de grande importância para o processo de ensino aprendizagem. Para PINHEIRO (2007), “[...] a leitura que não seja minimamente adequada compromete a apreciação e o reconhecimento do valor da obra. Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realidade objetiva”.



Figura 1 - Folhetos de cordel, expostos e pendurados nos barbantes  
Fonte: Blogdadeia.wordpress.com/Maratona Cordel Encantado: Literatura-de-cordel

O letramento literário cordel nesta pesquisa, foi fundamentado através da estilística da recepção, onde o professor trabalha em consonância com os alunos, narrando, discutindo, e escolhendo os temas que mais envolvam os receptores, privilegiando, dessa forma, o receptor numa prática comum a todos os participantes da pesquisa. A estratégia utilizada nessa pesquisa para o letramento textual foi fundamentada em práticas holísticas e lúdicas, conduzindo a uma aplicação metodológica participativa, alegre, e criativa, inter-relacionando com o letramento literário.

O trabalho de pesquisa aqui apresentado, foi realizado em uma turma do 5º (quinto) ano na E.E.E.F. Maria das Neves Lira de Carvalho, em Cuité-PB, e guiado por eixos norteadores, no que diz respeito à preservação, valorização, independência, com interdependência, e indissociação, em continuidade ao aprendizado que os educandos receberam na fase de alfabetização, dando prosseguimento para o letramento. Há diferentes dimensões tanto para alfabetização quanto para o letramento, cada uma delas demanda uma metodologia diferente, assim como o modo de aprendizagem.

Através de um planejamento com a coordenação pedagógica, elaboramos um plano de ação, direcionado aos docentes e discentes, para devida interpretação temática proposta e selecionada pelo docente da turma do quinto ano e os respectivos discentes, na disciplina de Língua Portuguesa, com enfoque interdisciplinar em Ciências, Geografia, História e Matemática. Pesquisamos e produzimos de acordo com o currículo escolar dessas disciplinas, respeitando as Diretrizes elaboradas pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, a partir do mês de junho de 2013, apresentando temas pertinentes com a proposta de uma dramatização adaptada aos poemas de cordel que envolveu alguns discentes. Os demais discentes envolvidos participaram na organização dessa apresentação e de uma exposição

através da confecção de desenhos e textos, sobre a temática abordada. As atividades foram realizadas no segundo semestre de 2013.

## 2.1 Caracterização do Campo de intervenção

A cidade de Cuité está localizada na mesorregião do Agreste Paraibano e microrregião do Curimataú Ocidental, com uma população de, aproximadamente, 25.950 habitantes, estimada em 2010 pelo IBGE (BRASIL, 2010).

A EEEF Maria das Neves Lira de Carvalho situada na Rua Vereador Francisco Patrício de Araujo, s/n, Bairro: Jaime Pereira da Costa, CEP: 58175-000, Cuité – PB.

A supracitada instituição atende 163 alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, nos períodos matutino e vespertino, bem como 13 alunos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) no âmbito do ensino fundamental I, no período noturno. Destes, três discentes são especiais.

O prédio apresenta 17 dependências, dentre elas, 5 salas de aula e uma sala de informática para professores e alunos em implantação. O espaço escolar apresenta ainda uma área para plantio de mudas, com manutenção e preservação. O corpo diretor da escola é composto pelas professoras Amariles Pontes Medeiros – diretora, Cláudia Valéria Silva Medeiros Dantas – vice-diretora e a Sra. Edna Santos da Silva, secretária e dois coordenadores. O corpo docente é formado por 12 professores, no total de 26 servidores, entre efetivos e contratados.

A referida escola participa do programa *Mais Educação*, implementado no ano letivo de 2012, oferecendo atividades em contra turno, em 3 macro campos distintos: cultura e arte; esporte e lazer; acompanhamento pedagógico.

## 2.2 Planejamento de atividades

O planejamento das atividades realizadas nesse trabalho foi feito por meio das reuniões pedagógicas da escola, realizadas às quintas-feiras, às 19h. Nesta ocasião, foi decidido que seria aplicada uma ação complementar, por meio do lúdico no processo de letramento, fazendo uso do gênero textual e o letramento literário cordel.

### 2.3 Atividades realizadas

Iniciamos as atividades do trabalho aqui apresentado a partir do mês de junho de 2013. Proporcionamos aos discentes uma aula de campo no Museu do Homem do Curimataú, onde os alunos foram guiados em uma visita pelo técnico do museu, bem como foi proferida apresentação de um vídeo com as histórias das nossas crenças, costumes e folclore da cidade de Cuité e região. Após essa visitação, foram escolhidos alguns folhetos de versos de cordel, que estavam expostos na saída do museu.

Por meio de encontros semanais sistemáticos, fizemos na escola, mais precisamente na sala de aula do quinto ano do ensino fundamental da E.E.E.F. Maria das Neves Lira de Carvalho, leitura em voz alta de algumas histórias com os alunos. E foi escolhida para interpretação a história do autor Paraibano, Leandro Gomes de Barros, com o título: “O cavalo que defecava dinheiro”. Após cada leitura, foram propostas atividades de produção textual, com tema livre.



Figura 2 – Atividades desenvolvidas em sala de aula.  
Fonte: própria (arquivos da pesquisa)



Figura 3 – Atividades desenvolvidas em sala de aula.  
Fonte: própria (arquivos da pesquisa)

Nos encontros subsequentes, solicitamos o exercício da leitura do texto e sua posterior memorização, através da técnica de repetição em frente a um espelho. Em seguida foram feitos ensaios para corrigir a leitura e fazer as devidas marcações das cenas para a apresentação.

Devido a dificuldade de ensaiar em sala de aula, no horário normal e no espaço destinado ao *Mais Educação*, no contra-turno, resolvemos realizar os ensaios no museu. Na oportunidade, realizamos gravação de áudio da dramatização da história selecionada.

Os demais discentes auxiliaram na organização dessa apresentação e na produção de desenhos e histórias de animais, para exposição no dia do encerramento das atividades, utilizando a temática abordada.

### 3. RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Desde o primeiro encontro percebemos o interesse dos alunos pelas atividades propostas. Os discentes se entusiasmaram frente a atividades de campo (externas), realizadas no Museu do Homem do Curimataú. Por meio dessas tiveram a oportunidade de vivenciar outra realidade, pois foi concedido aos mesmos o acesso, através de visitas ao museu, à história da nossa cidade e região, envolvendo festejos, folclore, cultura, entre outros temas expostos que lhes foram apresentados.

No término da visita, observamos que a estratégia de trabalhar com a literatura popular por utilização do gênero literário cordel seria exitosa, pois a maioria dos discentes foi à mesa grande da saída do museu, onde ficam expostos os folhetos de cordel, e só saíram após conseguirem levar alguns exemplares. Logo percebemos o dinamismo, a inquietação desses alunos, revelando que a metodologia aplicada atenderia aos objetivos da pesquisa. Nos demais encontros, foram explanadas as ações que pretendíamos realizar, e logo observamos a animação, interesse e a reciprocidade, que perduraram até o final da execução das atividades.

Fazendo um retrospecto, constatamos a dificuldade que alguns tinham de se expressar, pela timidez inicial dessa relação interpessoal. Então, usamos de bom humor para narrar os folhetos de cordel, sempre em tom alto, de forma que todos pudessem ouvir e entender o texto. Após a escolha dos discentes pela história que gostariam de ler e dramatizar, se deu início à leitura com participação voluntária. Constatamos que a dificuldade na leitura era comum a alguns alunos.

Verificamos que os alunos participantes são alfabetizados, porém precisam de uma complementaridade, que por meio de estratégia adequada, incentivos, motivação, alegria, torna o apreender um ato de aprender prazeroso. No decorrer da execução do trabalho proposto, observamos uma superação gradativa às dificuldades iniciais apresentadas pelos discentes. À medida que os encontros se sucediam, foi notória a desinibição e participação dos alunos às atividades, inclusive com sugestões à proposição de ações. Alguns discentes participaram da dramatização e outros produziram as histórias com temas livres, ou produção de desenhos dessas histórias, para a produção textual do colega. As figuras 4 e 5 são exemplos da produção textual dos alunos. Alguns outros são apresentados nos anexos.

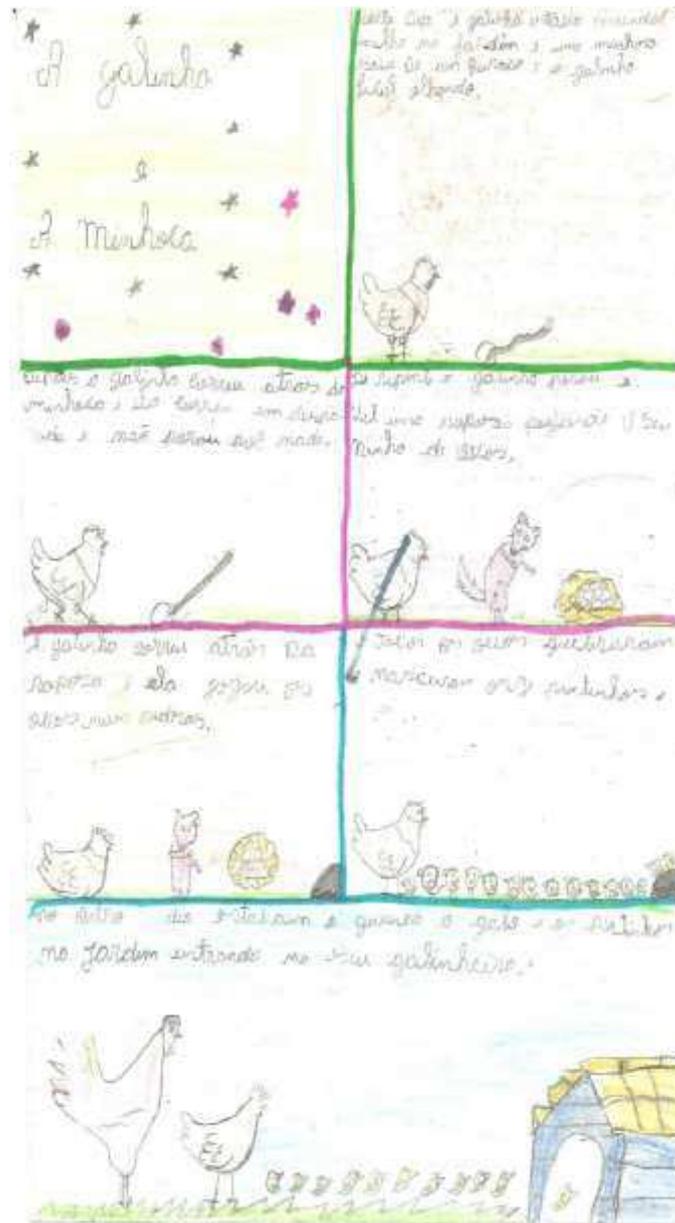


Figura 5 – Texto e desenhos produzidos por aluno participante, em sala de aula.  
Fonte: Própria (arquivos da pesquisa).

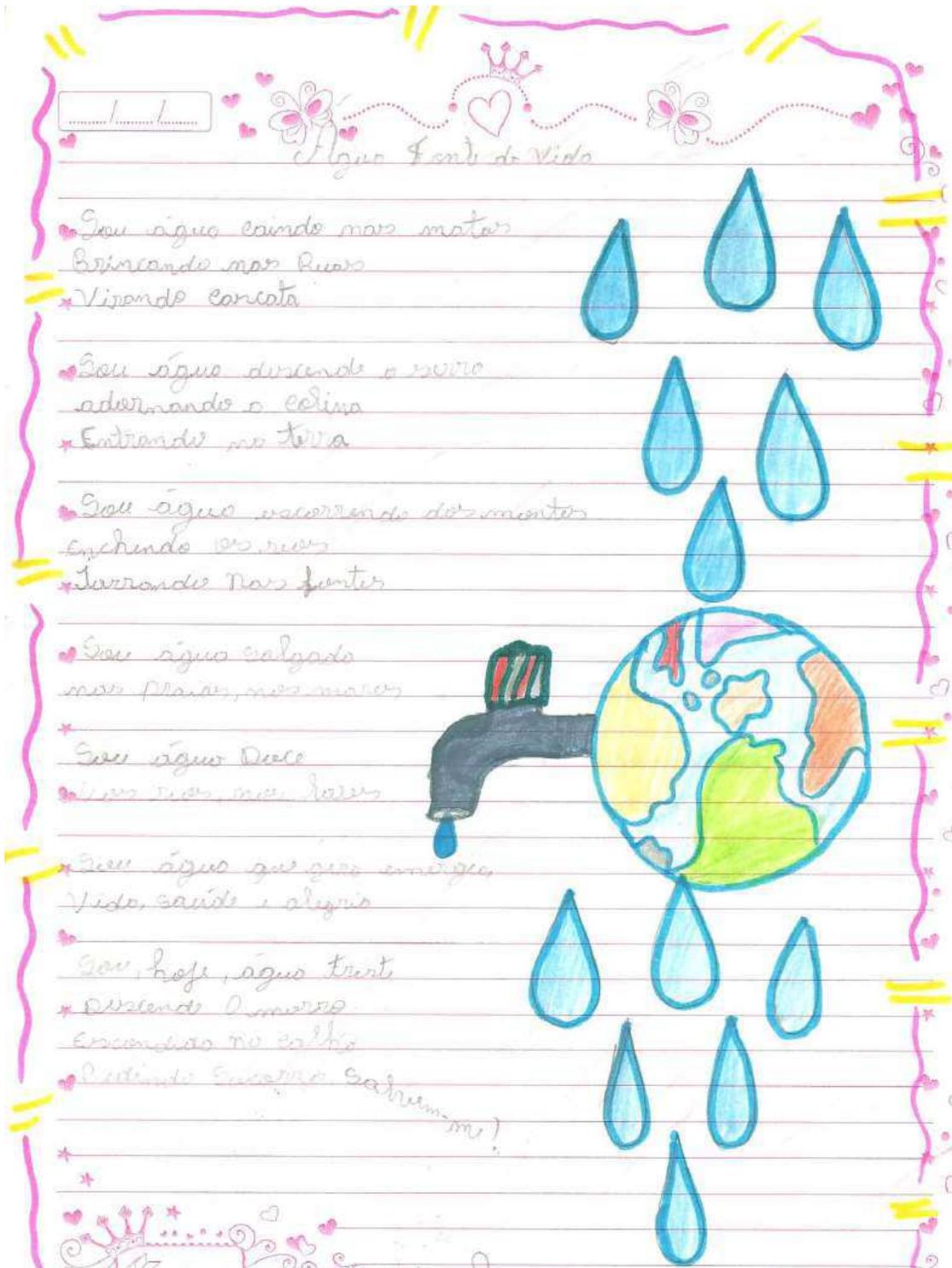


Figura 6 - Texto e desenhos produzidos por aluno participante, em sala de aula.  
 Fonte: Própria (arquivos da pesquisa).

Constatamos que foi iniciada a transição para o letramento literário, entretanto as dificuldades com a leitura e escrita são evidentes e mesmo depois de dez encontros, esse fato ainda foi observado.

Todavia, a relação que estabelecemos com os alunos permitiu que eles ficassem à vontade para se expressar, discutir, escolher, criar. O despertar do interesse mútuo entre docente e discentes foi maior a cada encontro, aumentando o prazer da maioria, revelando que quando fazemos as tarefas em grupo, com participação e partilhando os momentos, conseguimos superar as dificuldades e resistências.

Ficou claro que atitudes como essa podem mudar o destino de muitos, bastando para isso utilizarmos uma ferramenta acessível, “o querer”, precisando de iniciativa própria, planejamento, criatividade e estratégias que envolvam, motivem, convençam a execução de uma ação prazerosa.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados obtidos, verificamos o interesse dos alunos por atividades lúdicas, instigando a curiosidade dos discentes por esse tipo de leitura e posterior interpretação, aguçando seu pensamento e criatividade, mostrando-lhes que é possível, a partir de uma idéia temática, construir uma história, possibilitando sua divulgação, contribuindo para o seu desenvolvimento, diversão e prazer, através do ato da leitura, levando-os a discussões acerca dos temas abordados, contextualizando conceitos teóricos.

Esta é uma excelente oportunidade de envolvimento, compromisso com nossa cultura, capacitando os docentes e discentes para uma efetiva ação responsável, desenvolvendo e acrescentando conhecimento e habilidades para preservar a nossa história.

É evidente a necessidade de reformular e rever os currículos pertinentes à formação dos professores das séries iniciais do ensino fundamental, de modo a capacitá-los, com habilidades e competências necessárias a, ao menos, minorar o grave e reiterado fracasso escolar na aprendizagem inicial da língua escrita nas escolas brasileiras. Por esse motivo, nos dispusemos a fazer esse trabalho, num esforço conjunto, para, de forma lúdica, gerar um atrativo motivacional, atraindo os alunos para essa metodologia participativa e compartilhada, envolvendo todos em uma ação importante de continuidade do processo de alfabetização e fortalecendo o letramento textual, numa antecipação do letramento literário, que consideramos uma etapa que pode ser iniciada no fundamental I, contribuindo para o aumento de jovens/adultos leitores que atingirão as séries finais da Educação Básica com um melhor aprendizado, tornando-os cidadãos críticos, reflexivos, preparados para os desafios sócio-culturais e profissionais.

Dessa forma, consideramos que o presente trabalho contribuirá para minorar as dificuldades e resistências que os docentes do ensino fundamental de nossa região têm a metodologias inovadoras e auxiliará com os conteúdos teóricos dessas disciplinas através dessa ação complementar. A introdução no cotidiano escolar dos temas selecionados e abordados na sala de aula de forma concreta contribui para o desenvolvimento e fortalecimento de ações reflexivas, complementares e lúdicas, sensibilizando docentes e discentes a utilizarem sua criatividade e intuição, de forma a praticarem atos prazerosos, com alegria, espontaneidade, tornando-os protagonistas de seus pensamentos.

Sugerimos que esse tipo de ação seja incorporado ao planejamento da escola, de forma abrangente, atendendo aos discentes dos quarto e quinto anos do ensino fundamental I.

Esta é uma excelente oportunidade de envolvimento e compromisso com nossa cultura, capacitando os docentes e discentes para uma efetiva ação responsável, desenvolvendo e acrescentando conhecimento e habilidades para preservar a nossa história.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

ALVES, Lynn. **Jogo, imagem e tecnologia**: possibilidades de ludicidade (2009). Disponível em <http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-antiores-artigo/jogo-imagem-e-tecnologia-possibilidades-de-ludicidade>. Acessado em 11.04.2013.

BACKES, Lucas Henrique. **O professor pesquisador**. Documento digital. Disponível em [mat.ufrgs.br/~velotilde/disciplinas/pesquisa/texto](http://mat.ufrgs.br/~velotilde/disciplinas/pesquisa/texto). Acessado em 10.11.2013.

BARROS, Leandro Gomes de. **O cavalo que defecava dinheiro**. Academia Brasileira de Literatura de Cordel, 2001. Disponível em [www.ablc.com.br/popups/cordeldavez/cordeldavez001.htm](http://www.ablc.com.br/popups/cordeldavez/cordeldavez001.htm). Acessado em 25 de maio de 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo populacional 2010**. Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acessado em 20.06.2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 146 p.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo em Perspectiva, 14 (2) 2000.

HUIZINGA, Johan. **Homos Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1999.

LIRA, Luzia Rita Nunes de. **Sátira em Leandro Gomes de Barros**: uma experiência de leitura com alunos do 3º ano do ensino médio. 2012. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – POSLE. Universidade Federal de Campina Grande. Dezembro, 2012.

LE MOS, Getulio Silva. **Interdisciplinaridade e Pensamento Complexo**: Dois Caminhos em Busca da Totalidade Perdida (2006). Disponível em <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/035e3.pdf>. Acessado em 26.11.2013.

LOPES, Andréia Maria da Silva; MEDEIROS, Hadoock Ezequiel Araújo de. **Brincando com os Animais**: A Poesia Popular na Sala de Aula (2012). Disponível em: [http://anais.abralic.org.br/trabalhos/d7d92b7ac862679d07643b13d897da14\\_233\\_131.pdf](http://anais.abralic.org.br/trabalhos/d7d92b7ac862679d07643b13d897da14_233_131.pdf). Acessado em 30.08.2013.

MARINHO, Ana Cristina. PINHEIRO, Helder – **O Cordel no cotidiano escolar** – São Paulo: Cortez, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SILVA, Gerleide Gomes da. **Oralidade e Escrita: Uma Questão de Letramento**. Departamento de Letras e Artes UnP / UFRN (2009). Disponível em: [www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT30/30.1.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT30/30.1.pdf). Acessado em 25.11.2013.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, nº 25. 2004.

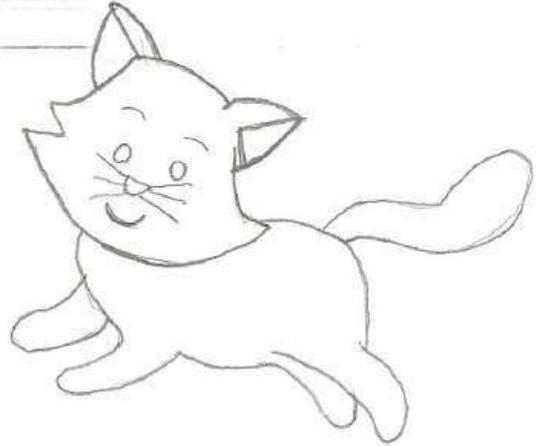
TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em [www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf). Acessado em 01.11.2013.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 2007, p.14.

**ANEXOS**

## O CACHORRO

O meu cachorro pequeno  
Correu atrás do gato  
comeu o rato  
Ia mordendo o gargalo  
Rouba no rio  
E mordeu o pescador



## O cachorro morto

Um menino entra numa loja de animais, cada um dos animais era R\$ 30,00. O dono da loja perguntou qual dos cachorros ele queria, ele olhou para todo lado e não gostou de nenhum e, de repente gostou de um o cachorro que estava com a sua patinha morta. Ele falou:

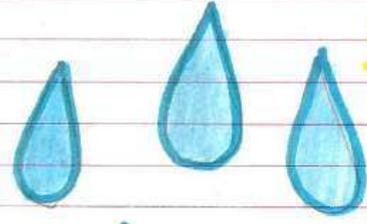
- Eu gostei dele, eu vou levá-lo.
- Não, o dono da loja falou:
  - Ah, não quiser pode ser de graça, ninguém quer ele, menino!
  - Mas ele é igual a todos. Eu vou pagar o seu preço, ele está morto, eu vou cuidar dele até que sua patinha melhore, eu vou fazer o melhor por ele, e o seu nome vai ser "Sorte", ah! E eu vou dar uma porção de amor para ele.
  - Tá certo, pois eu já não sei.
  - Eu vou cuidar com amor e carinho.



...../...../.....

### A água Fonte de Vida

\* Sua água cai nas montanhas  
 correndo nos rios  
 \* Vivendo com ela



\* Sua água desce o rio  
 adormecendo o céu  
 \* Entrando na terra



\* Sua água vaporizando do mar  
 enchendo os rios  
 \* Levando nas fontes



\* Sua água esgote  
 nos campos, nos mares

\* Sua água doce  
 nos rios, nos lagos



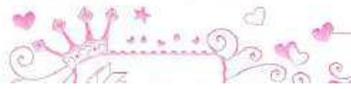
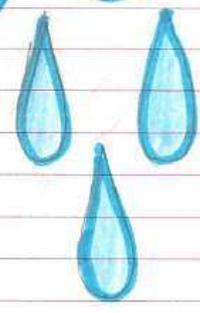
\* Sua água que gera energia  
 vida, saúde e alegria



\* Sua hoje, água trata

\* Descendo o rio  
 escondido no chão

\* Pedindo Socorro (salvamento!)



A galinha

certo dia a galinha estava comendo milho no jardim e uma minhoca saiu de um buraco e o galinho ficou aborrido.

A minhoca



depois a galinha correu atrás da minhoca e ela correu em direção à mãe parou sem medo.

de repente o galinho parou e viu uma raposa pegando o seu ninho de ovos.

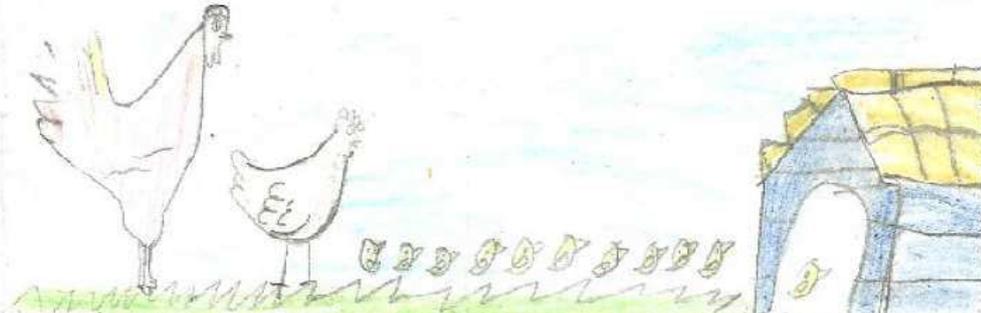


A galinha correu atrás da raposa e ela jogou os ovos mais próximos.

talvez os ovos quebraram e mascararam os pintinhos.



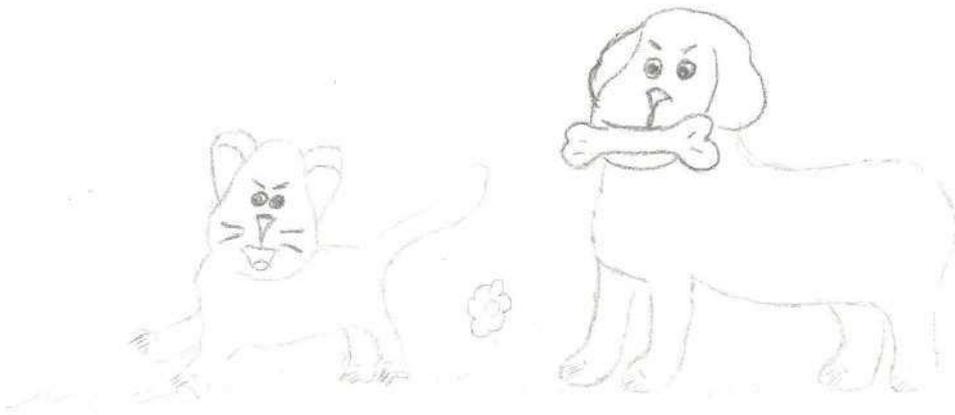
no dia seguinte estavam a galinha o galo e os pintinhos no jardim entrando no seu galinheiro.



## O cachorro e o gato

Era uma vez um cachorro que gostava de andar na rua e tinha um gato que gostava de perturbá-lo.

Um dia, o cachorro estava tranquilo quando o gato apareceu e começou a brincar com ele que estava tranquilamente na sua casa, que o gato tomou a sua casa.



## O gato e o pato

Certo dia, o gato Froyla estava num sono tranquilo e sossegado. Ai um pato chamado Iago que era muito legal e brincalhão, foi mexer com o gato que estava dormindo, deu um pulo tão grande que acordou o gato. Como o gato Froyla era muito esperto, ele viu que estava dormindo e o pato se aproximou com bem perto dele e disse:

- Vou dar um salto nela para ela fazer xixi na calça. mas, o gato viu e disse:

- Nunca você vai dar um salto em mim! Ha, ha, ha, vai muito legal.

Ai o gato foi viver com muito ódio do pato levou a casa toda e não pegou o pato.

## O gato o coelho

e o cachorro.

Era uma vez, um coelho que era muito amigo do gato. e certo dia o coelho resolveu fazer uma visita ao seu velho amigo bucho-me!

Ao chegar, deu de cara com o cão seu bonzinho velho amigo, ao vê-lo em seguida pergunta:

- como vai velho amigo cão?
- vou bem, mas ando tão sozinho ultimamente! o gato vive saindo, e na maior parte das vezes fico sozinho!
- Então vemha comigo, pois eu e o gato vamos jogar conversa ~~o~~ fera! Mais onde se encontra o gato?
- acho que no jardim?
- vamos até lá?
- sim!

E lá foram eles muito animados ao encontro do gato, ao encontrá-lo, o viram morto, Pois ele o que tudo indicava, foi ele o que tudo indicava, foi assassinado por uns cães de rua!

O coelho pôs-se a chorar e o cachorro, a correr atrás dos cães de rua que mataram. seu amigo e o coelho foi embora e só voltou depois de 3 dias para que alguém fosse levá-lo e ~~enterrá-lo~~ enterrá-lo, mas como não apareceu ninguém, ele mesmo com muito esforço trouxe de Pequenho orelha e o enterrou ali mesmo.

Portanto, do cachorro, esse ninguém sabe onde anda, pode estar morto, ou virado cachorro de rua, igualmente como os outros!



## CoRDEL DA VEZ

### **O Cavalo que Defecava Dinheiro**

**Autor:** Leandro Gomes de Barros

Na cidade de Macaé  
Antigamente existia  
Um duque velho invejoso  
Que nada o satisfazia  
Desejava possuir  
Todo objeto que via

**Esse duque era compadre  
De um pobre muito atrasado  
Que morava em sua terra  
Num rancho todo estragado  
Sustentava seus filhinhos  
Na vida de alugado.**

Se vendo o compadre pobre  
Naquela vida privada  
Foi trabalhar nos engenhos  
Longe da sua morada  
Na volta trouxe um cavalo  
Que não servia pra nada

**Disse o pobre à mulher:**

**\_ Como havemos de passar?  
O cavalo é magro e velho  
Não pode mais trabalhar  
Vamos inventar um "quengo"  
Pra ver se o querem comprar.**

Foi na venda e de lá trouxe  
Três moedas de cruzado  
Sem dizer nada a ninguém  
Para não ser censurado  
No fiofó do cavalo  
Foi o dinheiro guardado

**Do fiofó do cavalo  
Ele fez um mealheiro  
Saiu dizendo: \_ Sou rico!  
Inda mais que um fazendeiro,  
Porque possuo o cavalo  
Que só defeca dinheiro.**

Quando o duque velho soube  
Que ele tinha esse cavalo  
Disse pra velha duquesa:  
\_ Amanhã vou visitá-lo  
Se o animal for assim  
Faço o jeito de comprá-lo!

**Saiu o duque vexado**

**Fazendo que não sabia,  
Saiu percorrendo as terras  
Como quem não conhecia  
Foi visitar a choupana,  
Onde o pobre residia.**

Chegou salvando o compadre  
Muito desinteressado:  
\_Compadre, Como lhe vai?  
Onde tanto tem andado?  
Há dias que lhe vejo  
Parece está melhorado...

**\_É muito certo compadre  
Ainda não melhorei  
Porque andava por fora  
Faz três dias que cheguei  
Mas breve farei fortuna  
Com um cavalo que comprei.**

\_Se for assim, meu compadre  
Você está muito bem!  
É bom guardar o segredo,  
Não conte nada a ninguém.  
Me conte qual a vantagem  
Que este seu cavalo tem?

**Disse o pobre: \_Ele está magro  
Só o osso e o couro,  
Porém tratando-se dele  
Meu cavalo é um tesouro  
Basta dizer que defeca  
Níquel, prata, cobre e ouro!**

Aí chamou o compadre  
E saiu muito vexado,  
Para o lugar onde tinha  
O cavalo defecado  
O duque ainda encontrou  
Três moedas de cruzado.

**Então exclamou o velho:  
\_Só pude achar essas três!  
Disse o pobre: \_Ontem à tarde  
Ele botou dezesseis!  
Ele já tem defecado,  
Dez mil réis mais de uma vez.**

\_Enquanto ele está magro  
Me serve de mealheiro.  
Eu tenho tratado dele  
Com bagaço do terreiro,  
Porém depois dele gordo  
Não quem vença o dinheiro...

**Disse o velho: \_meu compadre**

**Você não pode tratá-lo,  
Se for trabalhar com ele  
É com certeza matá-lo  
O melhor que você faz  
É vender-me este cavalo!**

\_Meu compadre, este cavalo  
Eu posso negociar,  
Só se for por uma soma  
Que dê para eu passar  
Com toda minha família,  
E não precise trabalhar.

**O velho disse ao compadre:  
\_Assim não é que se faz  
Nossa amizade é antiga  
Desde os tempo de seus pais  
Dou-lhe seis contos de réis  
Acha pouco, inda quer mais?**

\_Compadre, o cavalo é seu!  
Eu nada mais lhe direi,  
Ele, por este dinheiro  
Que agora me sujeitei  
Para mim não foi vendido,  
Faça de conta que te dei!

**O velho pela ambição  
Que era descomunal,  
Deu-lhe seis contos de réis  
Todo em moeda legal  
Depois pegou no cabresto  
E foi puxando o animal.**

Quando ele chegou em casa  
Foi gritando no terreiro:  
\_Eu sou o homem mais rico  
Que habita o mundo inteiro!  
Porque possui um cavalo  
Que só defeca dinheiro!

**Pegou o dito cavalo  
Botou na estrebaria,  
Milho, farelo e alface  
Era o que ele comia  
O velho duque ia lá,  
Dez, doze vezes por dia...**

Aí o velho zangou-se  
Começou loga a falar:  
\_Como é que meu compadre  
Se atreve a me enganar?  
Eu quero ver amanhã  
O que ele vai me contar.